

# Zélia evita contato com banqueiros

Montreal — Primeira integrante do novo Governo a viajar em missão oficial para as nações industrializadas, a ministra da Economia, Zélia Cardoso de Mello, deixou passar uma boa oportunidade, em Montreal, para levar adiante o objetivo expresso pelo presidente Fernando Collor de Mello, de aproximar o Brasil do primeiro mundo. Primeiro ela decidiu, antes de embarcar para o Canadá, onde participou do primeiro dia da reunião anual do Banco Interamericano de Desenvolvimento, que não teria um encontro com representantes da comunidade financeira internacional, que chegou a ser agendado e publicamente anunculado. Depois, evitou dar entrevista à imprensa internacional, curiosíssima para conhecer a arquitetura de um dos mais drásticos e ousados planos de estabilização e reforma econômica já experimentados em qualquer país.

A explicação dada pela ministra e alguns de seus assessores é que o Governo não tem nada a dizer sobre as negociações com os credores externos, antes de o programa econômico, principalmente a reforma monetária, ser aprovada pelo Congresso. "Eu vim aqui explicar o programa brasileiro", limitou-se a dizer Zélia, no domingo. "Em qualquer contato desse tipo, as perguntas inevitáveis são sobre quando nós vamos começar a negociar com os

credores e quando vamos retomar os pagamentos de juros. Nós não achamos que é hora de falar nisso, ainda", disse um membro da comitiva da ministra.

O ministro das Finanças argentino, Hernán Gonzales, não está numa situação muito diferente. Seu país tem um montante de juros atrasados com os bancos, parecido com o do Brasil, e suas perspectivas de vencer a hiperinflação parecem mais precárias que as de Zélia. No entanto, o ministro Gonzales não se furtou a expor a situação de seu país a uma platéia de cerca de trezentas pessoas, entre os quais dezenas de banqueiros, na tarde de domingo, num dos salões do Palais des Congres, sede da reunião do BID. Gonzales nada disse que a platéia desconhecesse. Falando espanhol, explicou as dificuldades que seu governo enfrenta e revelou que, nas últimas duas décadas, a Argentina teve uma inflação de 20 bilhões por cento. Gonzales não deu nenhuma indicação de quando o país pretende reiniciar os pagamentos da dívida. Enfatizou, contudo, que o objetivo do governo Menem é normalizar as relações com os credores o mais rapidamente possível, e tudo depende do sucesso que o governo terá nos esforços internos para conter a inflação e ajustar a economia. Embora nada tenham aprendido de novo, vários banqueiros disseram que

haviam ficado bem impressionados com a franqueza e o realismo do ministro argentino.

Por que Zélia não fez o mesmo, é um mistério. A ministra da Economia brasileira preferiu explicar o programa do País no fórum formal da reunião anual do BID, onde discursou na tarde de ontem. Ela deixou a seus assessores a tarefa de conversar com os credores. Assim, William Rhodes, o executivo do Citicorp que preside o comitê dos bancos credores do Brasil, teve uma reunião de manhã com o secretário de Planejamento Marcos Fonseca e o subsecretário para a área internacional, Clodoaldo Hugueney. Coube a Fonseca, também, falar sobre o Brasil num seminário organizado pela revista "Latin Finance" e a Fundação Getúlio Vargas, no qual não disse o que queria dizer.

Os representantes dos bancos evitaram criticar a postura esquiva e acanhada da ministra. Rhodes, do Citicorp, disse que o encontro não realizado com os banqueiros "foi uma oportunidade perdida". Na noite de domingo antes do jantar que o presidente do BID, Enrique Iglesias, ofereceu aos delegados da reunião, Zélia explicou ao executivo do Citi que os contatos formais com os credores começariam logo depois que o programa econômico estiver sacramentado no Congresso.

Peter McPherson, do Bank of America, um dos representantes de bancos credores que a ministra da Economia e o presidente do Banco Central, Ibrahim Eris, receberam em Brasília, na semana passada, disse que não vê na nova equipe econômica nenhuma atitude de animosidade em relação aos credores e coopreende que Zélia e Eris estejam neste momento totalmente absorvidos pela administração do plano econômico. Ele registrou apenas: "Teria sido melhor se a ministra tivesse tido um encontro com os banqueiros, como fez seu colega argentino".

Num encontro com banqueiros e jornalistas, a ministra poderia ter deixado uma boa impressão do Brasil Novo no Primeiro Mundo. Teria evitado, ainda, os rumores de que recebeu instruções expressas do presidente Collor para não falar fora da reunião formal do BID. Em suma, ela teria deixado uma imagem mais positiva sobre o novo time econômico brasileiro, entre jornalistas internacionais que acompanham regularmente a área financeira e ficaram com a impressão com que sempre ficam, quando os governantes se recusam a falar: a de que eles são fracos e as coisas vão mal.